O MAL ENTRE NÓS

WELINGTON LIBERATO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017

miolo-omalentrenos.indd 3 10/26/2017 8:28:59 PM

editora penalux

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Preparação e revisão: Carminha Rodrigues e Mônica Rodrigues da Costa

Capa e editoração eletrônica: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L695m SANTOS, Welington Liberato dos. 1963–

O mal entre nós / Welington Liberato dos Santos – Penalux: Guaratinguetá, 2017.

78 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-277-4

1. Romance 2. Suspense policial I. Título

CDD B869.91

Índice sistemático:
1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Praça de Esportes, periferia do extremo norte de São Paulo em tarde ensolarada de sábado. A luz forte do Sol de verão não impede a molecada de correr atrás da bola, de se divertir na pelada semanal do futebol de várzea. O time de verde com listras brancas pressiona o time amarelo no campo ofensivo: o camisa nove retém a bola, controlando-a, na tentativa de chutar a gol ou ir à linha de fundo e cruzá-la na área antes que seja desarmado. De longe, vê seus companheiros a gesticular, com as mãos para cima, aflitos para marcar e definir a pendenga. O que fazer: drible ou lançamento? O futebol é 90% de reflexo e 10% de reflexão: o corpo pensa, o cérebro obedece. Decisões são tomadas em décimos de segundo. Ele finta o zagueiro com um jogo de corpo, toca a bola para a direita, chuta certeiro no canto da trave, mas o golei-

ro evita o gol esticando-se todo e desvia para a linha de fundo com a pontinha dos dedos. Tomado de satisfação com o feito, o arqueiro transpõe, orgulhoso, o amontoado de capim braquiária e os pés de mamona para alcançar a bola, caprichosamente alojada sob um arbusto espinhoso e compacto. No instante exato em que se inclina, um golpe de odores podres e pestilentos o paralisa. Ele prende a respiração, agarra a bola como a um ente querido e, em vez de retornar ao campo, protege as narinas com a gola da camisa e segue o rastro do mau cheiro. Quanto mais próximo do destino, mais pútrido o ar, mais instintiva a caminhada. Os jogadores, sem entender a paralisação forçada e fora de hora, aguardam a retomada da partida. Os de verde, revoltados com a demora, acusam o goleiro de fazer cera. Xingam. Até então, o time amarelo perdia por dois gols a um, e faltava pouco para o término da partida. Um princípio de confusão se inicia; o juiz intervém.

Uma imagem nebulosa impregna a retina do goleiro. Ele franze a testa, cerra os olhos e abre-os com dificuldade, como se acordasse de um pesadelo. Recua, então, dois passos, lentamente, e estaca por alguns segundos, o suficiente para processar o choque,

e uma imagem semelhante a um animal destroçado preenche sua retina. Pensa ser carcaça de boi ou de cachorro. À medida que se aproxima, o objeto adquire uma configuração mais do que familiar e identificável. Cabeça, tronco e membros. Definitivamente é um ser humano, a imagem é nítida. Meu Deus! Ele parte numa correria destrambelhada, espinhos lhe arranham coxas e braços, folhas de capim lhe cortam a pele, e retorna com parte do grupo, que se amontoa para espiar a cena, tentando ver o que há além dos arbustos. Os que não se amedrontam testemunham o corpo intacto de um menino estirado no chão, em decúbito ventral: rosto inchado perfilado, braço esquerdo rente ao tronco, o direito como se tentasse alcançar algo.

O goleiro se detém no cadáver imberbe, repousa o olhar detidamente sobre o corpo, evita desviá-lo e vivencia, pela primeira vez, a fragilidade da vida – uma consciência traumática e precoce do perecimento. Poderia ser qualquer um de nós, poderia ser eu, pensa. Esforça-se para manter o sangue frio necessário para observar algo tão aterrador, para gravar na memória as nádegas nuas e pálidas do garoto, para controlar o asco e o medo, para engolir a ânsia, para encarar a

morte de frente. Um burburinho de vozes se avoluma e o tira do transe; colegas atletas cercam a cena, com celulares nas mãos, dispostos a registrar e compartilhar as imagens em redes sociais. O goleiro suplica, aos gritos, que se afastem, que cessem os flashes. Pede silêncio e respeito ao morto.

– Pense na mãe do parça! Deus tá vendo, Deus castiga!

A notícia se espalha pela vizinhança, monopoliza conversas, assuntos, fofocas, comentários, julgamentos. O campo de futebol, envolto em mata de vegetação arbustiva e rasteira, fica próximo à principal avenida de um distrito da zona norte de São Paulo, via comercial com farmácia, açougue, supermercado, lojas de material de construção, pontos de ônibus, o que contribui para instalar rapidamente um clima de apreensão entre os moradores. Não se fala em outra coisa.

"Isso só pode ser briga de traficante, desova."

"Não tá parecendo, não. Vai ver é overdose..."

"Esses vagabundos têm que morrer mesmo, é menos um para incomodar!"

"Isso tá com cara de assassinato a sangue frio."

"Tadinho. Quem será o infeliz?"

"Falta Cristo no coração, falta fé em Deus."

"Só pode ser coisa de facção criminosa, briga de droga."

"Cadê a família? Cadê os direitos humanos? Cadê os políticos?"

"Esse país não tem jeito mesmo, o crime tá tomando conta!"

Zunido de sirene num crescendo, o povo se alvoroça para recepcionar a viatura da Força Tática da Polícia Militar. Amontoado, assiste ao utilitário nas cores preto, branco e vermelho (da bandeira de São Paulo), giroflex aceso, cantar pneu e subir o meio-fio para ocupar a área intermediária do campo de futebol. Não menos triunfal é a saída de homenzarrões uniformizados e armados, em posições intimidadoras, expelidos pela viatura para assumir o controle e fazer o reconhecimento do local. Operação de guerra sem inimigos, o teatro improvisado intimida as pessoas que, naturalmente, cedem espaço aos policiais. Uma parte retoma seus afazeres, outra não quer perder os mínimos detalhes da operação. A patrulha da Polícia Militar não encontra dificuldade em isolar a área, apesar do acúmulo de curiosos, repórteres de programas policiais e focas ávidos por informações. Para consegui-las, asse-

diam qualquer alma viva. Os jogadores, a essa altura, dispersaram-se; restou apenas o goleiro, que se oferece para testemunhar.

– A gente tava jogando, fui pegar a bola, senti um bafo podre e resolvi dar uma olhada. Sabe como é a curiosidade! Pensei que era cachorro morto, um bicho qualquer, mas não era. Comecei a tremer... Lembrei dos seriados de detetive, dos filmes policiais. Nunca pensei que passaria por isso, vai ficar gravado na minha cabeça... Nada é por acaso, tudo tem um porquê...

As horas passam, uma precária calmaria predomina. Policiais, de prontidão, aguardam a equipe pericial e afastam os curiosos para preservar a cena do crime. Diante de muita insistência, liberam o acesso ao entorno do corpo a fotógrafos e câmeras de TV. Informações relevantes só mesmo com a equipe pericial ou com o delegado da jurisdição responsável pelo caso – esclarecem. Para os repórteres não há muito a fazer a não ser interagir com os populares, praticar exercícios de futurologia, acumular imagens.

Jornalistas cercam o perito criminal e a fotógrafa forense assim que eles se apresentam. Com camisetas pretas identificáveis e maletas de trabalho nas mãos, os técnicos da Polícia Tecnocientífica alcançam a cena

do crime com ajuda dos guardas. Um investigador, policial civil à paisana, aguarda-os. Após cumprimentos protocolares, adianta informações importantes. Diz que a cena está razoavelmente preservada, sem sinais evidentes de adulteração.

– Não se configura briga de traficante, queima de arquivo ou algo similar. Pelo tamanho do corpo, é menor de idade, do sexo masculino, mas não acredito em justiçamento porque não há perfuração com arma branca nem sinal de tiro. Muito menos suicídio ou morte natural. Dá a impressão de ser crime passional ou sexual. Acho também que há elementos para concluir tipo, *modus operandi* e identidade da vítima. A morte parece recente.

O perito pede que afastem curiosos e mandem embora 'o bando de desocupados', sem alterar a voz ou demonstrar irritação. É um trabalho minucioso, requer tranquilidade e silêncio para examinar cada detalhe, fotografar, recolher provas, analisar indícios.

Mesmo acostumados a lidar com cadáveres, a imagem da criança aninhada na mata, jogada às traças e carcomida por vermes impacta os policiais. Só de olharem o corpo, eles intuem algo terrível e incomum: um possível caso de estupro de vulnerável e le-

wel2005@uol.com.br

Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em outubro de 2017.